

Experiências docentes e discentes

SAÚDE E CIDADANIA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS INOVADORAS QUE PROMOVEM O BEM VIVER

HEALTH AND CITIZENSHIP AT SCHOOL: INNOVATIVE EXPERIENCES THAT PROMOTE *BUEN VIVIR*

SALUD Y CIUDADANÍA EN LA ESCUELA: EXPERIENCIAS INNOVADORAS QUE PROMOCEN EL BUEN VIVIR

Camila Giugliani¹

Eliane Maria Teixeira Flores²

Kátia Teresa Cesa³

Vania Roseli de Mello⁴

Jandira Roehrs Santana⁵

Patrícia Genro Robinson⁶

Cristiane Nunes Pereira⁷

Nilvo Masulini⁸

Resumo

Este artigo traz o relato de uma experiência de promoção da saúde e da participação social junto às crianças de uma escola pública de Porto Alegre, RS. Inserida no contexto de uma pesquisa-ação do Movimento pela Saúde dos Povos, a intervenção na escola reuniu também instituições de ensino e a Unidade Básica de Saúde

¹ Médica de Família e Comunidade, professora adjunta do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde – Mestrado Profissional da UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Integrante do Movimento pela Saúde dos Povos (MSP). E-mail: giugli@hotmail.com

² Cirurgiã-dentista, doutora em Educação em Ciências Bioquímicas, mestrado em Saúde Coletiva, especialização em Saúde Coletiva e em Análise Institucional. Professora do curso de Odontologia da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Lajeado, Rio Grande do Sul, Brasil. Integrante do Movimento pela Saúde dos Povos (MSP). E-mail: elianetl@terra.com.br

³ Cirurgiã-dentista, educadora popular, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Integrante do Movimento pela Saúde dos Povos (MSP). E-mail: katiacesa@hotmail.com

⁴ Psicóloga, sanitária, professora adjunta de Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: vaniarcemello@gmail.com

⁵ Técnica em Enfermagem, trabalhadora do Instituto Municipal da Estratégia Saúde da Família (IMESF), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: jandars@hotmail.com

⁶ Psicóloga, docente da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Integrante do Movimento pela Saúde dos Povos (MSP). E-mail: patriciagrobinsom@gmail.com

⁷ Graduanda do curso de Administração: Sistemas e Serviços de Saúde da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: cristianenp2013@gmail.com

⁸ Graduando do curso de Administração: Sistemas e Serviços de Saúde da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: nilvomas@gmail.com

do território, com seu Programa Saúde na Escola. Guiadas pelos princípios do bem viver e do biocentrismo, as atividades realizadas se centraram nos conceitos e práticas da permacultura e da arte-educação. Nessa experiência, destaca-se o processo de construção coletiva de cada atividade, com suas potencialidades e desafios. Com o propósito de despertar em todos os participantes o senso de pertencimento à natureza e à sociedade solidária, planeja-se a continuidade do trabalho, com a possibilidade de ser inspiração para outras escolas e outras comunidades.

Palavras-chave: Promoção da Saúde. Participação Social. Programa Saúde na Escola. Estratégia Saúde da Família.

Abstract

This paper reports on an experience of health promotion and social participation among the children of a public school in Porto Alegre, capital city in the South of Brazil. In the context of an action research of the People's Health Movement, the intervention in the school also gathered universities and the Primary Care Unit of the territory, with its Health in the School Program. Guided by the principles of *buen vivir* and of biocentrism, the activities focused on the concepts and practices of permaculture and art education. In this experience, the process of collective construction of each activity, with its potentialities and challenges, stands out. In order to arouse in all the participants the sense of belonging to nature and to a society that stands on solidarity, the work is to be continued, with the possibility of inspiring other schools and other communities.

Keywords: Health Promotion. Social Participation. Health in School Program. Family Health Strategy.

Resumen

En este artículo se cuenta el relato de una experiencia de promoción de la salud y de la participación social junto a los niños de una escuela pública de Porto Alegre, una grande capital del sur de Brasil. Inserida en el contexto de una investigación-acción del Movimiento por la Salud de los Pueblos, la intervención en la escuela reunió también universidades y la Unidad de Atención Primaria en salud del territorio, con su Programa Salud en la Escuela. Guiadas por los principios del buen vivir y del biocentrismo, las actividades realizadas se centraron en los conceptos y prácticas de la permacultura y del arte-educación. En esta experiencia, se destaca el proceso de construcción colectiva de cada actividad, con sus potencialidades y desafíos. Con el propósito de despertar en todos los participantes el sentido de pertenencia a la naturaleza y a la sociedad solidaria, se planea la continuidad del trabajo, con la posibilidad de ser inspiración para otras escuelas y otras comunidades.

Palabras clave: Promoción de la Salud. Participación Social. Programa Salud en la Escuela. Estrategia Salud de la Familia.

Uma pesquisa do Movimento pela Saúde dos Povos

O Movimento pela Saúde dos Povos (*People's Health Movement*) é uma rede de organizações e pessoas comprometidas com a realização do direito à saúde no mundo. Sua fundação, no ano 2000, deu-se mediante a conjunção de movimentos populares do mundo todo, preocupados com o distanciamento da meta “Saúde para Todos no ano 2000”, firmada na Conferência Mundial sobre Cuidados Primários de Saúde em Alma Ata em 1978¹. O Movimento pela Saúde dos Povos (MSP), dentre suas ações, está comprometido com a produção e a disseminação de conhecimentos que contribuam para um ativismo mais efetivo na busca pela saúde para todos. Nesse contexto, nasceu a pesquisa *Civil Society Engagement for Health for All* – Engajamento da Sociedade Civil para a Saúde para Todos, financiada pelo *International Development Research Centre* (IDRC) do Canadá².

Essa pesquisa tem como objetivo compreender como a sociedade civil pode ser mais efetiva, em termos de mecanismos, processos e práticas, nas suas atuações em busca da saúde para todos.

¹ Para mais informações, ver website do *People's Health Movement*: <www.phmovement.org>.

² International Development Research Centre: <<https://www.idrc.ca>>.

Envolve seis países: Brasil, Colômbia, Itália, República Democrática do Congo, África do Sul e Índia. Cada país, organizado em torno do seu círculo do MSP, desenvolve localmente a pesquisa de acordo com as características e necessidades do contexto em que se insere. A pesquisa se desenvolveu em duas fases: uma primeira de exploração e compreensão do contexto do ativismo local (dimensão exploratória); e uma segunda de ação, trazendo propostas de intervenção para fortalecer o ativismo em busca da saúde para todos (dimensão participativa).

No Brasil, três núcleos do MSP participaram colocando em prática a pesquisa de acordo com a sua realidade. No Maranhão, o eixo central foi a atuação para construção e fortalecimento do MSP na zona rural e na capital, com base na educação popular. No Sudeste, a organização não governamental ACT Promoção da Saúde¹, avaliou seu processo de *advocacy* e se organizou para construir a Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável². Em Porto Alegre, a pesquisa teve como foco a participação social na saúde, explorando o contexto do controle social na primeira fase e construindo uma intervenção na segunda fase.

O tema do presente texto é a intervenção que constitui a segunda fase dessa pesquisa em Porto Alegre. Ao final da primeira fase, realizamos um seminário convidando todos os participantes: a equipe da pesquisa, trabalhadores, usuários e gestores do setor saúde de dois distritos da capital: Glória-Cruzeiro-Cristal e Partenon-Lomba do Pinheiro.

Nesse encontro, as análises da exploração do contexto foram discutidas e foi possível chegar a algumas assunções comuns a respeito da participação social na saúde. A partir de uma delas, a de que é necessário sensibilizar e envolver a população jovem nos espaços de participação social, pois os atuais mecanismos necessitam de novas representações, deu origem à segunda fase da pesquisa, materializada na intervenção que será descrita.

A partir do seminário de encerramento da primeira fase, diversos encontros se seguiram e foi nascendo uma ideia, que aos poucos foi se tornando real. O local da intervenção foi escolhido em função da disponibilidade e do interesse das pessoas que estariam envolvidas, demonstrados no seminário e nas reuniões subsequentes. Conforme a ideia foi ganhando forma, criamos também projetos de extensão universitária na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), envolvendo também a Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS).

Preâmbulo conceitual: bem viver, alegria, biocentrismo, permacultura e agrofloresta

Para entendermos a intervenção objeto deste texto, é importante conhecer os conceitos que a guiam. A experiência que relatamos tem como base o significado do *buen vivir*, ou, para nós, bem

¹ ACT Promoção da Saúde: <<http://actbr.org.br/>>.

² Aliança pela Alimentação Adequada e Saudável: <<https://alimentacaosaudavel.org.br/>>.

viver, e as implicações práticas que a sua apropriação pode trazer. A alegremia e a permacultura se inserem no conceito de bem viver e ajudam a desenvolvê-lo de forma concreta. Acreditamos serem estas ferramentas importantes para a promoção da saúde e da cidadania, rumo à construção e permanente alimentação de um verdadeiro senso de pertencimento social.

Buen Vivir – Sumak Kawsay – é uma expressão que vem dos povos ancestrais da América Latina, onde o sentir-se bem se traduz como um sentimento de pertencimento à natureza, *Pachamama*. O bem viver é um projeto político de vida; é o processo de satisfação e bem-estar coletivo para potencializar a vida em equilíbrio com a natureza e o cosmos para alcançar a harmonia. É um projeto político cuja prática leva ao exercício da descolonização e da despatriarcalização, assim como à emancipação das opressões.

O projeto do bem viver se materializa em torno de alguns princípios, que caracterizam a sua natureza harmoniosa e solidária (CONFLUENCIA NUEVO B´AQTUN, 2014):

- princípio dos acordos: baseado na prática do diálogo, que permite estabelecer acordos que se renovam constantemente;
- princípio da convivência: reivindica a cosmoconvivência, que é a relação de equilíbrio, harmonia e respeito mútuo entre os seres visíveis e invisíveis da natureza e do cosmos;
- princípio da coletividade: somos seres coletivos, capazes de articular as diferentes identidades, reconhecendo e respeitando as individualidades e as diferenças - potencialidades, habilidades, pontos de vista, pensamentos, sentimentos, entre outros;
- princípio do equilíbrio: os seres estabelecem acordos que se renovam a cada ciclo para procurar um balanço; requer reciprocidade, respeito, equidade em distintos âmbitos, assim como reconhecimento das diferenças como dinâmicas para as transformações coletivas;
- princípio da reciprocidade (*Tz. 'onoj*): saber dar e receber; é a cooperação, o intercâmbio e a corresponsabilidade no cuidado com a vida; trata-se de reciprocidade entre mulheres e homens no cuidado da vida, desde a infância até a velhice, nas suas múltiplas tarefas e dimensões materiais e afetivas;
- princípio da aprendizagem (*Pixab. '*): compartilhar os ensinamentos e sabedorias da natureza, bem como as experiências das pessoas, como parte de um sistema permanente de aprendizagem, decisão e ação, de aprender fazendo; é um compromisso e uma responsabilidade pessoal e coletiva.
- princípio da ação (*Kojonik*): aplicar todos os princípios em todo momento de nossas vidas; é a coerência entre o discurso e a prática; é a vinculação do pessoal com o político, do íntimo com o transcendente;
- princípio da harmonia: prática inerente e integral de todos os outros princípios.

No caminho de construção do bem viver, vamos gradualmente elevando a nossa alegremia. Alegremia é uma palavra nova, significa a alegria que circula em nossa corrente sanguínea. Foi criada

em 1996 por um grupo de mulheres camponesas no norte da Argentina, num exercício de perceber que a saúde não pode ser medida apenas por parâmetros como glicemia ou colesterolemia. Segundo esse grupo de mulheres, a alegremia é composta pelos vários “A”s que representam as necessidades vitais indispensáveis: água, ar, abrigo/albergue, alimento, amor, arte e aprendizagem (MONSALVO, 2007).

O conceito e o profundo significado da alegremia têm sido difundidos e trabalhados por toda a América Latina. Citando o médico, educador e comunicador ‘alegrêmico’ Julio Monsalvo, quem primeiro sistematizou e difundiu o conceito, de que não é possível viver bem e ser saudável quando o solo não está saudável, quando árvores e plantas não estão saudáveis, quando os animais não estão saudáveis (MONSALVO, 2014). Payan e Monsalvo (2009) nos lembram que a saúde não é individual, é dos ecossistemas, que todas as formas de vida estão interligadas e devem ser igualmente respeitada. Esta é a visão biocêntrica, em contraponto à visão antropocêntrica, onde a natureza é vista como uma fonte de recursos para beneficiar os seres humanos. Assim, para conquistarmos saúde, nesse novo paradigma, é necessário mudar a cultura do crescimento econômico focado no homem, que desconsidera e desrespeita as outras formas de vida. É preciso transformar a cultura antropocêntrica em biocêntrica.

O paradigma do antropocentrismo coloca o ser humano como centro de tudo, como dono da natureza, baseia-se na cultura patriarcal, onde predominam a hierarquia, o poder, a dominação e o controle. A cultura antropocêntrica pode ser caracterizada pelos três “EX”: exploração, exclusão e extinção. É a cultura hegemônica nos nossos tempos. Em contraponto, temos o biocentrismo, baseado na cultura matrística, do pertencimento, onde somos parte da natureza e não donos dela. Na cultura biocêntrica, o ser humano tem entusiasmo por defender a vida, em todas as suas formas.

Nesse contexto, insere-se a permacultura, conceito diretamente ligado à sustentabilidade. Criado na década de 1970 pelos ecologistas australianos Bill Mollison e David Holmgren¹, a ideia se baseia no planejamento de sistemas em escala humana que sejam criados em total harmonia com a natureza. Descobriu-se que as florestas são de fato muito mais importantes para o ciclo do oxigênio do que antes se imaginava. De acordo com os princípios da permacultura, é principalmente das florestas que dependemos para proteger-nos de uma condição anárquica. É papel das florestas, por exemplo, moderar calor e frio excessivos, regular a poluição e criar solos. Junto com a permacultura, introduz-se o conceito de agrofloresta: um sistema ancestral de uso da terra que imita o que a natureza faz normalmente, com o solo sempre coberto pela vegetação, muitos tipos de plantas juntas, umas

¹ Introdução à permacultura por Bill Mollison. Panfleto I da Serie Curso de Design em Permacultura. Disponível em: <<https://www.ecocentro.org/wp-content/uploads/2016/02/I-Intro-Permacultura-Transcri%C3%A7%C3%A3o-B.-Mollison.pdf>>.

ajudando as outras, sem problemas com pragas ou doenças, dispensando o uso de venenos¹. A permacultura e a agrofloresta, portanto, materializam a noção de biocentrismo.

Construindo uma intervenção na escola com a escola

Para agregar outros e novos jovens atores na construção e no fomento à participação social na saúde, construímos uma intervenção em uma escola estadual de Porto Alegre. Em reunião de equipe na Unidade de Saúde da Família (USF) Santo Alfredo, apresentamos o projeto. A partir da discussão com a equipe, que já havia trabalhado em algumas escolas do território, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Luiz de Azambuja Soares, que chamamos de Azambuja, foi escolhida para o nosso objetivo de promover saúde e aglutinar forças ativas e coletivas do distrito de saúde Partenon-Lomba do Pinheiro.

A escola Azambuja, localizada no bairro Partenon, abrange todo o ensino fundamental, do primeiro ao nono ano. Segundo dados do Censo de 2017², possui oito salas de aula e 24 funcionários. Suas dependências incluem uma grande área externa, com uma extensa floresta.

As rodas de conversas com as professoras e a direção começaram em março de 2017 e, durante três meses, debatemos sobre as conexões da saúde com a educação e as possibilidades de agir em conjunto, considerando a diversidade de conhecimentos e vivências que podemos agregar no espaço da escola. Pelo escopo do Programa Saúde na Escola (PSE) (BRASIL, 2015), estamos propondo ativar a criatividade e a iniciativa por meio de atividades em formato de oficinas que interligam conhecimentos e práticas sobre o bem viver, agrofloresta, cidadania, cuidados com o corpo, promoção da cultura de paz e direitos humanos. Acreditamos que essas conexões podem ser disparadoras de outras formas de viver na atual sociedade competitiva, que incentiva o consumismo, o individualismo e a medicalização da saúde e da doença. Acreditamos na participação comunitária na saúde como um meio de transformação, em que a busca de um modo de vida mais solidário e cooperativo seja o motor da mudança.

Assim, uma primeira aproximação do coletivo em formação, envolvendo ativistas do MSP, instituições de ensino (UFRGS, UERGS, ESP/RS e PUCRS), USF Santo Alfredo, Conselho Local de Saúde (CLS) e Escola Azambuja, esta com seus professores, funcionários, estudantes e famílias, realizou-se no Dia da Solidariedade da Escola em 2017. Nesse dia, a comunidade da escola manifestou seus interesses, que motivaram uma primeira ação: a revitalização da floresta do pátio da escola como espaço de ensino/aprendizagem.

Nessa primeira ação, realizamos uma diversidade de atividades, em que cada movimento gerava mais entusiasmo para novas ações, numa roda viva de criatividade e dinamicidade. Foram

¹ Disponível em: <<https://ipoema.org.br/2016/12/23/conceitos-de-agrofloresta/>>.

² Disponível em: <<https://www.escol.as/247905-luiz-de-azambuja-soares>>.

momentos ricos de troca e aprendizado, iniciados com uma inspiradora visita à Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro, que reuniu 150 alunos e professores, para vivências e observação do cultivo de temperos, plantas alimentícias não convencionais (PANCs), árvores frutíferas e plantas medicinais.

Foi realizado o concurso de criação do mascote e do nome do projeto, oficinas de compostagem, prática dos baldinhos com coleta de material orgânico nas moradias dos alunos, oficinas de plantio e jardinagem, preparo de sal temperado, oficinas de criatividade com argila, prática do Qigong, oficinas de saúde bucal e nutrição, encenação da peça de teatro ‘Dom Lixote – O Dragão que Cospe Lixo’, entre outras. Algumas delas descrevemos de forma mais detalhada abaixo. Em suma, o que vem sendo trabalhado nesse conjunto de atividades é o incentivo aos cuidados com o ambiente, o senso de pertencimento à comunidade-escola como grande motivador de ser um agente participativo do seu meio e da sua saúde, resultando na multiplicação de saberes pelos adolescentes.

No andamento do trabalho, a continuidade das ações planejadas vem sofrendo interrupções com certa frequência, seja pela chuva que afugenta as atividades ao ar livre, como pelo mau tempo presente nas questões de governança e de desmanche dos direitos instituídos: a educação pública e a saúde pública – fruto das intempéries políticas que atravessamos no momento atual. Paralisações, greves, falta de professores e de infraestrutura básica foram obstáculos para as atividades programadas, mas entendemos como parte do processo de uma construção que seja politicamente engajada no atual contexto.

Foto 1 – Visita à Horta Comunitária da Lomba do Pinheiro. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.



Foto de Eliane Maria Teixeira Flores.

Foto 2 – Conversa sobre plantas alimentícias não convencionais, temperos e plantas medicinais. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.



Foto de Eliane Maria Teixeira Flores.

Foto 3 – Mascote do projeto, desenhado por um aluno da escola. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.

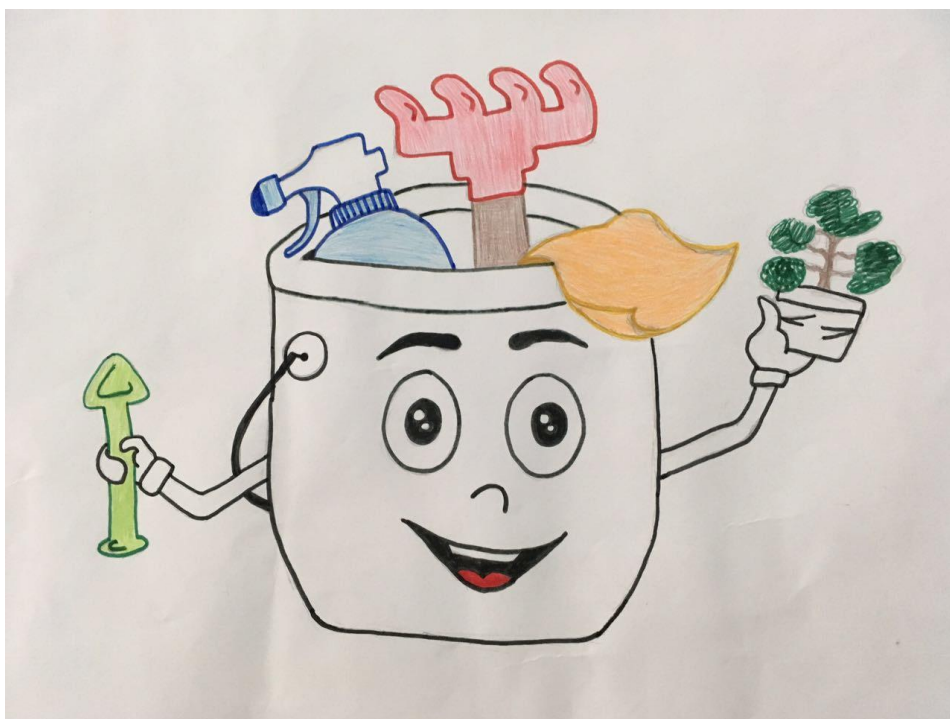


Foto de Kátia Teresa Cesa.

Foto 4 – Composteiras e a prática dos baldinhos. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto de Eliane Maria Teixeira Flores.

Interfaces com o Programa Saúde na Escola e a Estratégia Saúde da Família

O início deste projeto acompanhou as ações desenvolvidas pelo Programa Saúde na Escola (PSE), política intersetorial instituída pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, e desenvolvida pelos Ministérios da Saúde e da Educação (BRASIL, 2007). O PSE tem como objetivo contribuir para a formação integral dos estudantes por meio de ações de promoção, de prevenção e de atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades que comprometem o pleno desenvolvimento de crianças e de jovens da rede pública de ensino (BRASIL, 2015).

A articulação intersetorial das redes públicas de saúde e de educação e das demais redes sociais para “o desenvolvimento das ações do PSE implica mais do que ofertas de serviços num mesmo território, pois deve propiciar a sustentabilidade das ações a partir da conformação de redes de corresponsabilidade” (CUNHA et al., 2013, p. 4). Entre os objetivos do PSE, estão: sensibilizar a comunidade escolar e as equipes de saúde em relação às temáticas da participação social e da cidadania; realizar oficinas relacionadas à promoção da cultura de paz e direitos humanos, prevenção ao uso de álcool, e outras drogas, promoção da segurança alimentar e nutricional, entre outros. A estratégia do PSE busca estimular a gestão coletiva das ações a partir da participação de profissionais, alunos e comunidade, no território onde convivem. O compartilhamento do trabalho entre as equipes da escola e da saúde pode suscitar outros e novos sentidos para a produção de redes, saberes e solidariedade (BRASIL, 2015).

As ações do PSE que se desenvolvem nas escolas são realizadas pelas equipes de saúde da família do território correspondente. No caso da escola Azambuja, antes deste projeto, a Unidade de Saúde da Família (USF) Santo Alfredo já havia realizado diversas atividades, tais como: exames de acuidade visual, promoção da saúde bucal, promoção da alimentação saudável, entre outras. Com o início deste projeto, as ações na escola se ampliaram, e a equipe da Estratégia de Saúde da Família (ESF) passou a incluir novas atividades no seu PSE, abrangendo ações na perspectiva da saúde integral, desenvolvendo novos conhecimentos e vivências que dizem respeito à solidariedade, à cidadania, à relação do ser humano com a natureza e ao meio ambiente. Além disso, a ampliação também se deu nas relações entre todos os participantes nessas ações. Já não eram mais atividades unicamente da USF, mas envolviam mais diretamente a comunidade escolar, assim como o conselho de saúde, as universidades e os movimentos sociais.

Um exemplo foi a atividade desenvolvida pelo grupo Hiperdia da USF Santo Alfredo. Este é um grupo educativo criado em 2011, coordenado por uma profissional da equipe de saúde, direcionado a usuários com hipertensão e/ou diabetes. É uma ferramenta para trabalhar questões de promoção da saúde e prevenção de agravos relacionados a essas patologias, bem como para fortalecer a autonomia dos usuários e o vínculo com a Unidade de Saúde, melhorando, dessa forma, o cuidado e a adesão aos tratamentos.

No âmbito deste projeto, em 2017, o grupo Hiperdia realizou uma oficina de sal temperado na escola Azambuja. Além de duas profissionais da ESF, participaram nove usuários (incluindo uma integrante do conselho local de saúde), a diretora da escola, uma professora, uma funcionária e uma integrante do MSP. A oficina foi desenvolvida com os estudantes, enfatizando-se a importância da relação entre crianças e pessoas idosas. Na oficina, foram distribuídos a receita e os temperos para preparar o sal (manjerona, salsa, cebola desidratada, alho, orégano, alecrim, sálvia e outros), reforçando-se também a importância de usar as PANCS, como a cúrcuma, para temperar a comida. O grupo conversou com os estudantes sobre os fatores de risco ligados ao consumo excessivo de sal e de alimentos como salgadinhos industrializados. Distribuídos em quatro grandes mesas no refeitório da escola, os escolares produziram seus sais temperados sob a orientação dos usuários do Hiperdia. Essa configuração determinou uma movimentação alegre de conversas entre todos os participantes. Um dos usuários do grupo lançou a proposta de criar uma horta para cultivar esses temperos na escola, oferecendo seus ensinamentos no cultivo de mudas.

Foto 5 – Oficina de sal temperado com o grupo Hiperdia da USF Santo Alfredo. Porto Alegre, 2018.



Foto de Eliane Maria Teixeira Flores.

Permacultura e a conexão com a natureza e a espiritualidade

Transformar a floresta da escola em sala de aula, além do resgate da área verde abandonada, coloca a alfabetização ecológica como teoria e prática, por meio do cultivo e uso de plantas medicinais e da utilização coletiva de um espaço contemplativo e de interação. Assim, o contato com a floresta se amplia, por meio de vivências práticas, em uma perspectiva de cultura de paz. Despertar a sensibilidade e o interesse das crianças pela natureza que as cerca, promovendo a curiosidade como uma propulsora do conhecimento, foi o nosso ponto de partida. A ênfase se dá na importância de aprender com a experiência.

Para pôr em prática essas ações, agregamos em nossa equipe um colega geógrafo e especialista em permacultura, que traz consigo uma longa experiência nas escolas públicas da cidade. Guiados por ele, constatamos a presença de uma bela floresta na área da escola e realizamos atividades de plantio das plantas alimentícias não convencionais (PANCs), compostagem e educação sobre princípios de sustentabilidade ambiental. A redescoberta de um microambiente tão rico no espaço escolar trouxe a importância e a motivação para que seja recuperado, cultivado, utilizado e preservado.

As oficinas de introdução à permacultura e à agrofloresta foram realizadas durante o segundo semestre de 2017 junto às turmas de terceiro, sexto e nono anos. De quinze em quinze dias estivemos presentes, exceto, pelas interrupções das greves às quais os professores da escola aderiram. As

crianças estavam sempre acompanhadas pelas professoras e por outros funcionários da escola. Filmamos todas as intervenções para fins pedagógicos, de comunicação e de divulgação. A participação dos estudantes foi autorizada pelos pais.

Com a turma do nono ano, fizemos a confecção das composteiras. Os mais dispostos e interessados aprenderam a manipular as ferramentas para preparo e plantio da terra, que é muito fértil, por ter sido bem cultivada no passado pela associação de mães do bairro. Para os jovens do sexto ano, propusemos a oficina dos baldinhos. Os jovens levavam para casa os baldinhos vazios e os traziam de volta depois de alguns dias, cheios de cascas de frutas e legumes, para serem depositados nas composteiras em camadas com folhas secas. As composteiras continuam sendo alimentadas, principalmente, pelas funcionárias, cozinheira e merendeira da escola.

Com essas oficinas, estamos todos aprendendo juntos sobre permacultura, compostagem e armazenamento de resíduos orgânicos, assim como estamos adquirindo novos conhecimentos sobre saúde ambiental, água, alimentação saudável, o PSE e a sua interrelação com a participação social e a cidadania.

Foto 6 – Conversas com as professoras ao longo do projeto. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto de Eliane Maria Teixeira Flores.

Foto 7 – Recuperando a floresta da escola. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto de Eliane Maria Teixeira Flores.

Foto 8 – Praticando a agrofloresta. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto de Eliane Maria Teixeira Flores.

Foto 9 – Redescobrimo floresta como espaço de aprendizagem. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto de Eliane Maria Teixeira Flores.

Seguiram-se as oficinas de argila e Qigong, com objetivo de agregar os elementos da natureza (água, terra, ar e fogo) com o espaço preparado na floresta a partir das oficinas anteriores. A prática do Qigong, que exercita a atenção na respiração pelos movimentos sincronizados, foi direcionada para promover o bem-estar, além de reforçar o cuidado com o corpo e a nutrição. Para entender um pouco mais sobre essa prática milenar, segue uma breve explicação.

A energia vital é feita de matéria, mas não é puramente material (Yin). As formas de vida têm energia, emoções e pensamentos, mas não são puramente imateriais (Yang). A mistura de Yin/Terra e Yang/Céu cria as condições para a existência de um terceiro estado, de equilíbrio e harmonia, o nosso delicado e flexível complexo vivo de corpo/mente/espírito, cheio de vitalidade e possibilidades infinitas (JAHNKE, 2005).

As instruções básicas, chamadas de “Reunindo o Qi do Céu e da Terra”, são explicadas por esse conceito original que sustenta o que há entre o céu e a terra, na perspectiva da medicina chinesa. No campo de interação entre as forças de expansão do universo e as forças de condensação do nosso planeta, há uma fusão, uma incorporação profunda que produz vida. A esfera de influência entre céu e terra é onde surgem os seres vivos - as plantas, os animais e os humanos. A argila apresenta as mesmas características dos elementos: terra - solidez do corpo; água - coesão; fogo - temperatura, calor do sol; ar - movimento e mobilidade; e o espaço onde estamos, que concilia tudo.

Foto 10 – Prática do Qigong e oficina de argila. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto de Eliane Maria Teixeira Flores.

Foto 11 – Oficina de argila. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto de Eliane Maria Teixeira Flores.

No pátio ou no espaço interno, em círculo, dependendo do tempo, se ensolarado, nublado ou chuvoso, imaginamos o nosso mundo abraçado pelo encontro das mãos na frente do umbigo, no

abdômen. Inspirando e expirando, orientamos para sentirem o cuidado que podemos ter pelo planeta e pelo nosso próprio corpo. Incentivamos a observar essa energia que surge.

Com 50 minutos de duração total, as oficinas se constituíram, então, de caminhadas até a floresta, em silêncio, onde permanecíamos com atenção na sensibilização, escuta e observação do ambiente. Sentados em uma roda construída com troncos, conversávamos sobre o que iria acontecer, introduzíamos o material encontrado na natureza do entorno (folhas, galhos, terra) e logo começávamos a manipular a argila. Assim, ao lhe darmos diferentes formas, incentivamos nossos processos criativos.

Realizamos oito oficinas com duas turmas de alunos, do segundo e sexto anos, em turnos diferentes, com a colaboração e o apoio das respectivas professoras. O trabalho com argila foi orientado por uma colaboradora artista plástica, que de forma voluntária nos ensinou a criar e a imitar as formas dos animais e vegetais. As produções das crianças foram cozidas no forno para serem pintadas com as cores escolhidas por eles. Os trabalhos foram expostos no espaço da escola durante algumas semanas, para serem visualizados por todos que circulavam, especialmente as mães, que foram homenageadas naquele período. Após as oficinas, os alunos do segundo ano continuam usando a floresta para a prática do Qigong guiados pela professora.

Foto 12 – Prática do Qigong. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto de Méris Slomp.

Foto 13 – Prática do Qigong. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto da equipe da escola.

Dom Lixote vai à escola

A sustentabilidade, a defesa da vida e a proteção da natureza são ações cada vez mais necessárias, tendo em vista o atual modelo de desenvolvimento produtivista- consumista, que está na origem da grave crise ecológica da sociedade atual. Abordar esses temas por meio do teatro, utilizando-o como prática pedagógica, constitui-se como uma ferramenta com grande potencial educativo.

Na escola, o teatro pode despertar no aluno uma maior consciência do mundo à sua volta, e assim ampliar o interesse pelas questões sociais e ambientais que o envolvem. A arte-educação se estabelece como elo entre o sujeito criativo e o cidadão participativo e é de grande importância para o desenvolvimento humano (COELHO, 2014). Por meio do teatro, os alunos desenvolvem a percepção, a interpretação, a imaginação e a criatividade necessárias para refletir e compartilhar questões relativas à proteção da natureza, à promoção da saúde e à participação social.

Na cultura ocidental, personagens fictícios são muito apreciados por crianças, que os elevam à condição de heróis. Desde os personagens das fábulas de La Fontaine¹ até os modernos heróis interplanetários, eles exercem grande influência sobre o comportamento de crianças e jovens, que muitas vezes incorporam ações e atitudes dos personagens em suas condutas. Levando em conta essa influência, foi criado o personagem Dom Lixote, um boneco de sucata que defende as causas ambientais. Suas aventuras em favor da natureza encontram eco quando praticadas em projetos como

¹ DÍEZ-CANEDO, E.; LA FONTAINE, J. *Fábulas de La Fontaine*. Madrid: Casa Editorial Calleja, 1918.

este. Por meio de oficinas de teatro e contação de histórias, podemos trabalhar a cidadania com a alegria, a magia e a criatividade presentes nos alunos e pouco valorizadas nos métodos do ensino tradicional.

Oficina e produção de um teatro com alunos do oitavo ano da Escola Azambuja

A proposta iniciou com um convite aos jovens para criar, encenar e apresentar uma peça teatral baseada no livro ‘Dom Lixote e o Dragão que cospe lixo’, que aborda o tema da sustentabilidade e do respeito à natureza (CESA, 2016). Com uma forte contribuição da educação popular em todo o processo, desde os primeiros encontros foi sugerido que os jovens se tornariam multiplicadores da causa ambiental do personagem Dom Lixote e apresentariam a peça para toda a escola.

Na dinâmica proposta aos alunos, foi destacado que teriam autonomia para criar o roteiro e fazer a escolha dos papéis, assim como foi combinado que o trabalho seria integrado e coletivo. No processo, buscamos estimular a cooperação e o protagonismo com jogos, leitura grupal e tarefas compartilhadas, exercitando as decisões coletivas por meio de votação de cada nova ideia que surgia. Inicialmente, foram definidos três grupos de trabalho: roteiro, figurino e cenário, e cada aluno escolheu o grupo em que desejava participar. Além disso, os alunos pensariam na sonoplastia e em tantas outras funções quantas fossem necessárias, desde que as escolhas afirmassem a autoria coletiva.

Nesse processo, que terá na apresentação final o fechamento de um ciclo de quatro meses de trabalho, com aproximadamente 16 encontros de 1,5 horas por semana, o grau de envolvimento de cada integrante foi respeitado. Os papéis foram escolhidos pelos próprios alunos, e a única condição colocada foi de que todos teriam algum papel na peça. Os cinco personagens principais foram escolhidos rapidamente, e grande parte do grupo escolheu ser figurante. Porém, cabe destacar que, no decorrer do trabalho, muitos dos que escolheram pela figuração, vieram pedir para lhes dar alguma fala, um indicador da importância atribuída à participação no grupo. As lideranças ficaram evidentes rapidamente e foram importantes para promover o crescimento do grupo, já que no espaço cênico é dada a chance para todos os integrantes se expressarem de diferentes formas.

Sempre que possível, a professora de artes nos acompanhava e sua presença foi fundamental para a atenção e o empenho dos alunos. Ainda que houvesse grande dedicação e motivação da nossa parte, foi imprescindível o suporte e o apoio da professora para o desenvolvimento das oficinas de teatro. São muitos os desafios diários enfrentados pelos profissionais da educação. Foi necessário aprender a lidar com alunos desatentos, outros que buscavam complicar e perturbar o ambiente de sala de aula, outros ainda com forte timidez e dificuldades de interação. Mas também havia alunos

ávidos por atenção, colaborativos, abertos à participação, e assim, valorizando a escuta e o diálogo, fomos transformando a criação artística em um espaço de encontro e de mudanças.

Embora o teatro na educação seja ainda pouco explorado na Escola Azambuja, ele é, sem dúvida, uma atividade pedagógica que promove não só a inclusão, mas também a socialização dos alunos no ambiente escolar. Amplia o universo cultural e o desenvolvimento das diversas habilidades, como a interpretação e produção de texto, a desinibição, a leitura oral e a criatividade. O teatro na escola tem também o potencial de motivar toda a comunidade, aproximando professores, funcionários e famílias, já que em algum momento a colaboração deles será solicitada, seja para emprestar roupas, ajudar nas montagens, ou simplesmente para assistirem às apresentações.

Avaliamos que, na nossa proposta, iríamos investir mais no processo do que no resultado. Não buscávamos um sucesso de público, mas sim apontar para o desenvolvimento e o despertar de diferentes habilidades dos alunos. Apostamos na ideia que um dos caminhos emancipadores para os jovens escolares das nossas periferias é a sementeira de uma cultura criadora. Ela pode guiar os jovens para a criação de saídas não estereotipadas para os seus destinos. Dessa forma, pode-se afirmar que o teatro, além de promover a ampliação cultural e o aperfeiçoamento pessoal, estimula a troca de experiências, a busca de soluções para situações-problema, a celebração da diversidade e o espírito colaborativo, fundamentais em uma comunidade escolar saudável.

Foto 14 – Preparação da peça teatral “Dom Lixote e o dragão que cospe lixo”. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto de Kátia Teresa Cesa.

Foto 15 – Preparação da peça teatral “Dom Lixote e o dragão que cospe lixo”. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018.



Foto por Kátia Teresa Cesa.

Perspectivas e considerações finais

Com esta experiência, estamos trilhando uma construção coletiva, guiada pelos princípios definidores do bem viver, a partir de vivências que o materializam. Por meio dessas vivências, acreditamos estar colocando em prática a promoção da saúde, estimulando que, na escola, as pessoas deste grande coletivo se sintam parte de algo maior, que se sintam pertencendo a uma natureza criadora e a uma sociedade solidária. Somente assim, com verdadeiro senso de pertencimento social, será possível ativar o protagonismo, a participação na saúde. Ao se perceberem cidadãos, é que vão engrenar os mecanismos para buscar o seu bem viver.

Com esta experiência, também queremos compartilhar alguns desafios e aprendizados. Um trabalho coletivo se faz em diálogo com o outro. O outro diferente de nós. Parece óbvio, mas a descoberta destas diferenças no processo de uma intervenção gera muitas mudanças no planejamento. Por isso, é importante que o planejamento seja feito em conjunto com todos os participantes e que seja flexível para acomodar mudanças de planos que sempre virão. E mesmo com o planejamento em conjunto, como relatado aqui, as mudanças acontecem. Colocar essa questão entre as expectativas dos participantes ajuda a manter a equipe unida mediante as mudanças de planos.

Questões de natureza política, absolutamente legítimas, como greves dos professores por aumento salarial e melhores condições de trabalho, também interferiram nos trabalhos. Nessas ocasiões, a aliança com os professores da escola foi reforçada com o apoio do grupo às suas reivindicações. Outras situações, como rotatividade e saída de integrantes do grupo, são importantes

para manter sempre presente uma pergunta: como podemos trabalhar juntos em espírito colaborativo, mantendo o entusiasmo ao longo do tempo, podendo compartilhar tarefas, evitando a centralização dos trabalhos em um ou dois integrantes? E como podemos trabalhar de forma cada vez mais integrada e com a perspectiva de gerar apropriação do trabalho por cada integrante?

Como planos, ainda temos o planejamento de mais um ano de trabalho na escola, com a ideia de que a mesma fortaleça sua autonomia para seguir com as ações sob a liderança das professoras e alunos que já participaram. E que estas experiências na escola Azambuja possam servir de inspiração para trabalhar em outras escolas e com outras comunidades. Para ajudar no trabalho de ‘multiplicação’ das ações, está sendo preparado um vídeo com registros das ações e depoimentos dos participantes.

Acompanhar o fluxo descompassado entre os diferentes ritmos de todos os envolvidos é um grande desafio, mas fundamental num processo de planejamento e construção coletivos. Para viver o bem viver, é preciso respeitar o outro, compreender as diferenças, acolhê-las e acomodá-las, mudar a nossa forma de ver o mundo, ser mais biocêntrico e menos antropocêntrico, e manter altos níveis de alegria!

Agradecimentos

Agradecemos aos colaboradores Mateus Raymundo (geógrafo e permacultor, pela orientação técnica e liderança no trabalho de permacultura), Méris Slomp (artista plástica, pela facilitação da oficina de argila) e André da Silva Costa (artista, pelo trabalho de arte-educação junto aos alunos), assim como à diretora, professoras e funcionárias da Escola Azambuja, sem as quais as atividades realizadas não teriam sentido.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Decreto nº 6.286, de 05 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola – PSE e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **Caderno do gestor do PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CESA, K. T. **Dom lixote e o dragão que cospe lixo**. Porto Alegre: Marca Visual, 2016.

COELHO, M. A. Teatro na escola: uma possibilidade de educação efetiva. **Revista POLÊM!CA**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 1208-1224, jun. 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10617/8512>>. Acesso em: 9 dez. 2018.

CONFLUENCIA NUEVO B´AQTUN. **El buen vivir de los pueblos de Guatemala**. Guatemala: Confluencia Nuevo B´Aqtun, jun. 2014. Disponível em: <<http://alainet.org/images/Buen%20Vivir%20Guatemala-pdf.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2018.

CUNHA, P. F. et al. **Implantação e implementação das ações do PSE em Nova Friburgo**: o desafio de tecer redes de solidariedade, 2013. Disponível em:
<http://www.convibra.com.br/upload/paper/2013/58/2013_58_7666.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2018.

JAHNKE, R. **A promessa de cura do Qi**. Cultrix, 2005. 264 p.

MONSALVO, J. **La historia de la Alegremia**, 2007. Disponível em:
<http://www.altaalegremia.com.ar/contenidos/2_Historia_de_la_Alegremia.html>. Acesso em: 9 abr. 2015.

MONSALVO, J. O bem viver e o ser humano. In: V SEMINÁRIO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE-SOCIEDADE-ESTADO DA AUGM. Construir o Bem Viver (“Buen Vivir”): Desenvolvimento Sustentável para Integração Regional do Cone Sul, 2014, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2014.

PAYAN S. I., MONSALVO J. **Salud de los ecosistemas**: desde el sentimiento de ser naturaleza con alegremia y esperanza. Colección Altaalegremia nº 2. Formosa, Argentina, 2009. Disponível em
<http://www.altaalegremia.com.ar/contenidos/Salud_de_los_Ecosistemas.html>. Acesso em: 9 dez. 2018.